

Bolsonarismo, polícia e retrocesso institucional

Brasileiros ainda veem-se envoltos com a defesa da democracia em pleno século XXI. E meu colegas policiais militares bolsonaristas defendem um líder político hipócrita, perverso e psicopata, que não merece o suor de suas camisas



Glauco Silva de Carvalho
30 de junho de 2020

ZANONE FRAISSAT/FOLHAPRESS



Manifestação em frente ao antigo prédio do Doi-Codi, em São Paulo: em pleno século XXI, brasileiros têm de sair às ruas para defender a democracia brasileira

São 22 horas do domingo, dia 26 de junho de 2020. Um dia nublado, depois de chuvas torrenciais que assolaram São Paulo na véspera. Faz frio, um típico dia de inverno paulistano.

Eu já havia escrito meu artigo para a *Fonte Segura*. Resolvi mudar. Vivemos um tempo em que notícias não têm mais do que algumas horas de sobrevida. Não só pelos avanços tecnológicos de nosso tempo, pelo qual todo o mundo passa, mas pela avalanche de más notícias políticas, pelas quais o Brasil é “vanguarda”.

E resolvi mudar o artigo que eu havia escrito. O outro artigo eu trarei à tona posteriormente. Não perderá sua validade. Dependerá apenas de alguma atualização. E o fiz por conta de algumas matérias deste final de semana. Especialmente as matérias dos

competentes jornalistas Rogério Pagnan, Carolina Linhares e Fernanda Mena, da *Folha de São Paulo*, e Marcelo Godoy, de *O Estado de São Paulo*. Todas as reportagens tratando da Polícia Militar, das Forças Armadas e do chamado bolsonarismo. Além de uma série de matérias de outros e outras jornalistas que trazem a lume os idos dos anos 60, cujo primeira metade eu trabalhei em meu doutorado.

No século 20, nenhum grande evento histórico-político aconteceu sem a participação das Polícias Militares: Revolta da Armada, Questão dos Protocolos, Campanha de Canudos, Revolta da Marinha, Revolução de 24, Revolução de 30 e Revolução Constitucionalista. Serviram às instituições militares estaduais, ainda, tanto no regime varguista, quanto no regime de 64, como sustentação do governo central.

Pelo visto, a dimensão e a importância das Polícias Militares no âmbito da segurança pública e da política nacional, se não a levarão – espera-se – aos mesmos tipos de eventos que se vislumbraram no século passado, também não a farão ficar de fora de alguns momentos e singularidades do presente século. A conjuntura política brasileira e a estrutura das Polícias Militares mudaram. Mas não deixaram elas de marcar sua relevância no primeiro quartel do século 21.

Como se sabe, os principais meios de comunicação do país lançaram-se à defesa da democracia no Brasil.

Surreal!!! Em pleno século 21, os brasileiros conscientes e responsáveis para com sua cidadania ainda vêem-se envoltos em trincheiras cujo mote é a defesa da democracia, da liberdade de imprensa, da garantia de manifestação, do direito de votar periodicamente e da defesa do Estado de Direito, entenda-se a autonomia da cada um dos poderes.

E o que me chamou a atenção para essa mudança de rumos que ora verificamos é o retrocesso por que passamos hoje. Retrocedemos de maneira acentuada nesses últimos 18 meses. Não que o Brasil tenha andado a passos largos nos governos anteriores. Mas, justiça seja feita, ninguém questionou a democracia, do governo Sarney ao governo Temer. Tempos difíceis.

Os grandes jornais lançaram-se, para defender a permanência da democracia, a uma retrospectiva do regime de 64. Inúmeras matérias e fotos retratam o período. É como se estivéssemos voltando no tempo. É uma ferida que não cicatriza; ao contrário, é constantemente remexida, exposta, machucada.

Lembro-me, assim, dos meados dos anos 80. Eu me formei em 1985. Fiquei na Academia do Barro Branco de 1981, quando ingressei no antigo Curso Preparatório (equivalente ao ensino médio), até minha formatura, em dezembro de 85. Como toda transição para a democracia, são períodos de inquietude, de instabilidade, de mudança, de vingança, de insensibilidade, de incongruência, de rixa, de exagero, de perseguição, de animosidade, de revanche, de inconsistência.

Bolsonaro nos fez o favor de trazer tudo isso de volta à tona! Inacreditavelmente. Algumas dessas feridas, evidentemente, ainda estão abertas e, ao serem remexidas, exalam pus - e com o pus, o mau cheiro de todas as mazelas do período. O passado volta ao presente não pela linguagem da intermediação, do perdão, da reconciliação, da superação, da catarse, da mediação. Mas sim da dor, da angústia, da perversão, da vingança mais profunda e sangrenta. Voltam os temores, os sentimentos não tão nobres, as desconfianças, os medos.

Meus colegas policiais militares bolsonaristas, em grande parte muito mais jovens do que eu (tenho 54 anos), que me perdoem. Mas defendem um líder político (lamentavelmente não deixa de ser um líder) hipócrita, perverso e psicopata, que não merece o suor de suas camisas. As pretensões, as ações e o proselitismo de Bolsonaro não se coadunam em nada com sua vida, sua história e seu passado.

Para vocês mais jovens, quando o regime militar se encerrou, em 1985, com a assunção de Tancredo/Sarney, as Forças Armadas se recolheram ao seu *locus* de trabalho, os quartéis, e lá permaneceram. As Polícias Militares, por seu turno a face mais aparente do regime de 64, continuaram onde sempre estiveram e onde é seu lugar de trabalho: as ruas e o espaço público. Sofreram, em consequência, as agruras do revanchismo. Foram recalçadas nesses quase 40 anos. São consideradas o mal do século. Como todos sabem, tenho visão muito crítica das Polícias Militares, porque só a crítica nos permite evoluir. Mas minha visão está muito longe da forma como elas foram tratadas na pós-transição.

Grande parte das fotos do período, trazidas a lume nestas matérias jornalísticas, evidencia duas circunstâncias: um carro de combate do Exército no Planalto, simbolizando a intervenção militar; ou um policial militar, com cassetete ou montado em cavalo, a reprimir manifestações, simbolizando a contenção de movimentos sociais. É esta face que o bolsonarismo reencarna. E, com isto, mais e mais recalcam as Polícias Militares para os porões da história política do Brasil.

É hora de repensar nossas posturas. Apenas o *impeachment* pode tirar um atabalhado do poder. Como tirou, de forma legítima e legal, Collor e Dilma. A lei é para todos. Indistintamente. Não tenham dúvida: Bolsonaro trará sérias consequências para as Polícias Militares. Ele só pensa nele próprio e em sua prole. O resto... bem, o resto é o resto. Enquanto servirem aos seus propósitos, serão bem-vindos. Quando não mais servirem, podem ser descartados. Não tenham dúvida. É hora de meditar e saber a que servimos: aos valores e princípios democráticos ou aos desatinos de um insano. A opção escolhida jamais deixará de trazer consequências. Boa sorte e boa escolha.

Glauco Silva de Carvalho

Bacharel em Direito (USP), mestre e doutor em Ciência Política (USP). Coronel da reserva da PMESP, foi diretor de Polícia Comunitária e Direitos Humanos e Comandante do Policiamento na Cidade de São Paulo

[https://backup.forumseguranca.org.br/politica-e-policia/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjuh-hi3nj-iyxs-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42-baaej-o6q - 7as9i-47ny-mz874-u6e7o-csibj-mrcnm-7tfxr-4mcp7-4kytq-z8r62-tnhb-s5myy-3pmpy-8fma6-ma4je-otq5y](https://backup.forumseguranca.org.br/politica-e-policia/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjuh-hi3nj-iyxs-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42-baaej-o6q-7as9i-47ny-mz874-u6e7o-csibj-mrcnm-7tfxr-4mcp7-4kytq-z8r62-tnhb-s5myy-3pmpy-8fma6-ma4je-otq5y)

